



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS  
E-ISSN 2358.6958

## Urgência da pesquisa em educação e linguagens: investigar o corpo sob o prisma da(s) arte(s)

Cristiane Wosniak

Para c

itar esta Resenha:

WOSNIAK, Cristiane. Urgência da pesquisa em educação e linguagens: investigar o corpo sob o prisma da(s) arte(s). **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 44, p.1-14, set. 2022.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573102442022e0801>

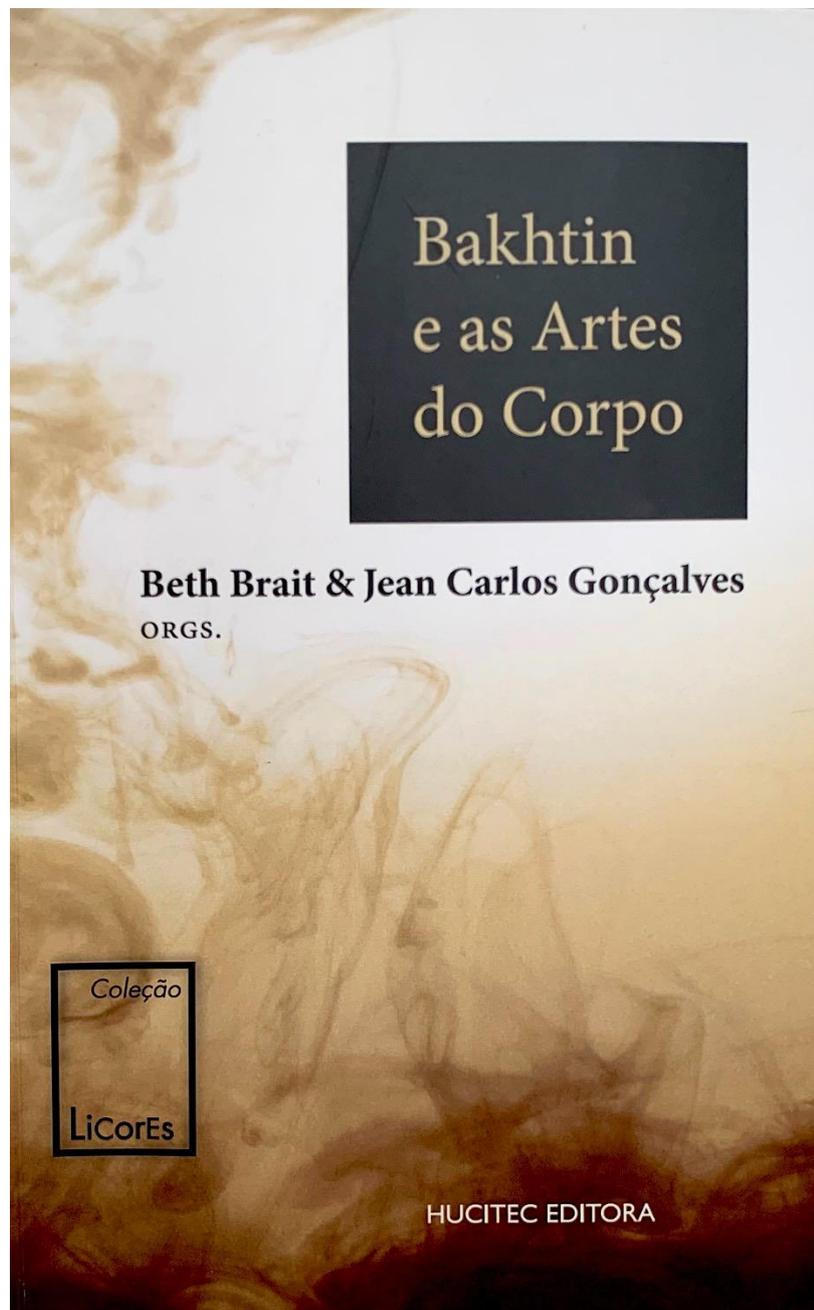


A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



## Resenha da obra

BRAIT, Beth; GONÇALVES, Jean Carlos (Org.). *Bakhtin e as artes do corpo*. São Paulo: Hucitec, 2021, 214p.





## Urgência da pesquisa em educação e linguagens<sup>1</sup>: investigar o corpo sob o prisma da(s) arte(s)<sup>2</sup>

Cristiane Wosniak<sup>3</sup>

### Resumo

Resenha do livro *Bakhtin e as artes do corpo*, organizado por Beth Brait e Jean Carlos Gonçalves. Esta obra constitui o terceiro volume da Coleção LiCorEs: Linguagem, Corpo, Estética. O volume contém uma apresentação elaborada por seus organizadores, seguida de cinco ensaios que trazem para o centro do debate noções, conceitos e reverberações das artes do corpo em diálogo com seus elementos discursivos e com os estudos bakhtinianos em uma perspectiva também aberta a outras vertentes do conhecimento.

**Palavras-chaves:** Corpo. Artes. Linguagem. Bakhtin.

## The urgency of Education and Language research: to study the human body through the lens of art(s)

### Abstract

Review of the book *Bakhtin e as artes do corpo*, edited by Beth Brait and Jean Carlos Gonçalves. This work is the third volume of the LiCorEs Collection: Language, Body, Aesthetics. The volume starts with a Foreword by the two organizers and it contains five essays which bring to the heart of the debate some notions, concepts and reverberations of the arts of the body in dialogue with their discursive elements with Bakhtinian studies in a perspective which is also open to other aspects of knowledge.

**Keywords:** Body. Art. Language. Bakhtin.

---

<sup>1</sup> Revisão ortográfica e gramatical da resenha foi realizada por Luzia Araújo.  [entrelinhas.edit@gmail.com](mailto:entrelinhas.edit@gmail.com)

<sup>2</sup> Trabalho realizado com o apoio da CAPES (PROEX – Programas 6 e 7) – PPGE/UFPR.

<sup>3</sup> Doutora e Mestra em Comunicação e Linguagens / Estudos de Cinema e Audiovisual (UTP). Especialista em Artes-Dança (FAP-PR). Bacharel e licenciada em Dança (Unespar/FAP). Docente adjunta da Unespar (Bacharelado em Cinema e Audiovisual). Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação/Mestrado Acadêmico em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV/Unespar/FAP). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação da UFPR.

 [cristianewosniak@ufpr.br](mailto:cristianewosniak@ufpr.br)

 <http://lattes.cnpq.br/8707636250586166>

 <https://orcid.org/0000-0002-7234-2638>



## Urgencia de la investigación en educación y lenguas: investigar el cuerpo a través del prisma del arte(s)

### Resumen

Reseña del libro *Bakhtin e as artes do corpo*, editado por Beth Brait y Jean Carlos Gonçalves, que constituye el tercer volumen de la Colección LiCorEs: Lenguaje, Cuerpo, Estética. El volumen contiene una presentación elaborada por sus organizadores y cinco trabajos que llevan al centro del debate algunas nociones, conceptos y reverberaciones de las artes del cuerpo en diálogo con sus elementos discursivos y con los estudios bakhtinianos en una perspectiva abierta también a otros aspectos del saber.

**Palabras clave:** Cuerpo. Arte. Lenguaje. Bakhtin.



O livro *Bakhtin e as artes do corpo*, organizado por Beth Brait e Jean Carlos Gonçalves, publicado em 2021 pela Editora Hucitec, constitui o terceiro volume da série “Linguagem, Corpo, Estética”. Trata-se de uma coletânea de ensaios que refletem sobre as artes do corpo, compreendidas em seus elementos discursivos na contemporaneidade. O claro intento da publicação ancora-se nas possibilidades de inusitados encontros de temas, sujeitos e objetos dos autores e autoras, aqui reunidos a partir de lentes diversas, mas que encontram nas lógicas dos estudos bakhtinianos e do Círculo um denominador comum: um percurso investigativo gerado sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD).

Os organizadores da coletânea possuem um claro e aderente percurso de pesquisa vinculado aos estudos da linguagem pelo viés dos estudos bakhtinianos. Beth Brait é crítica, ensaísta e docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), atuando nos Programas de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) e Literatura e Crítica Literária (LCL), além de ser professora aposentada da Universidade de São Paulo (USP), instituição onde cursou a graduação em Letras, Doutorado e tornou-se Livre-Docente em Linguística. Possui estágio pós-doutoral na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Atualmente é pesquisadora nível 1 do CNPq, líder do Grupo de Pesquisa Linguagem, Identidade e Memória (PUC-SP) e criadora e editora do periódico *Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso*.

Jean Carlos Gonçalves é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), vinculado à linha de pesquisa LiCorEs – Linguagem, Corpo e Estética na Educação, além de lecionar no Setor de Educação Profissional e Tecnológica na mesma instituição. É bacharel e licenciado em Teatro-Interpretação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Mestre em Educação também pela FURB e Doutor em Educação pela UFPR. Possui estágios pós-doutorais em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem realizados na PUC-SP e em Educação na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Em parceria com a professora doutora Michelle Bocchi Gonçalves, é líder do Grupo de Pesquisa Labelit – Laboratório de estudos em educação, linguagens e teatralidades da UFPR. Atualmente é Bolsista de



## Produtividade em Pesquisa (CNPq).

Em seu texto de apresentação da coletânea, os organizadores alertam os/as leitores/as para os impactos e as implicações – do/no corpo – inerentes às novas formas de interação, propiciadas pelo universo tecnológico, que colocam os seres humanos em hiperconexão permanente. Alude-se à Internet das Coisas (IoT) [Internet of Things], à proliferação de aplicativos de toda natureza e funções, além de uma série de dispositivos contemporâneos facilitadores de uma suposta qualidade de vida na atualidade. Mas o que se reflete sobre o *dispositivo* corpo? E o contato vivo entre os corpos? E as Artes do Corpo nos tempos atuais e, sobretudo, durante o período pandêmico?

Tais indagações são colocadas em evidência na presente coletânea e nos reportam aos contextos das reflexões trazidas por diferentes autores e autoras, que propõem um olhar crítico para as artes do corpo a partir da insistência da presença como elemento gerador de criação. Constata-se, entretanto, que a reunião entre sujeitos em um mesmo espaço com mediação entre telas tornou-se uma possibilidade efetiva de criação cênica e performance *online, onlife, in live*, em videoconferência. Arte, corpo e linguagem podem efetivamente coexistir em cena virtual? O palco se faz tela? Estas são as pistas que o texto introdutório da obra oferece para pensarmos as Artes do Corpo em uma perspectiva expandida a partir dos estudos bakhtinianos presentes em cinco ensaios, reunindo sete autores e autoras provenientes do Brasil, França e Reino Unido.

São os próprios organizadores da coletânea que assinam o primeiro ensaio, denominado “Corpos espelhados nas dobras da arte e da vida: a desumanização”. O texto entrecruza alguns resultados obtidos nas pesquisas realizadas em parceria. A partir dos estudos bakhtinianos, com tendências e pensamentos conceituais advindos das artes do corpo e da literatura, Brait e Gonçalves nos oferecem um percurso metodológico reflexivo e analítico para colocar em pauta o processo mutante de criação e recriação da peça teatral *A Desumanização*, de Valter Hugo Mãe, a partir de quatro eixos investigativos: 1) o texto literário base MÃE (2020; 2013), ignição dos discursos cênicos decorrentes; 2) uma adaptação/montagem teatral (2019) – em contexto pré-pandêmico; 3) uma (re)adaptação do mesmo grupo teatral (maio de 2020) – imersa em contexto



pandêmico; 4) uma segunda (re)adaptação do mesmo grupo teatral ainda sob protocolos de isolamento social (outubro de 2020). Em um primeiro momento, os autores se debruçam sobre esclarecimentos particulares acerca das Artes do Corpo em confluência com a perspectiva da análise dialógica do discurso (ADD). É nesta seção que se manifesta um corolário-chave para compreendermos o que move o rigor do trabalho aqui empreendido: pensar o corpo a partir do campo das artes é uma das urgências do campo da pesquisa em linguagem.” Após os esclarecimentos conceituais, em um segundo momento, os autores partem para a apresentação do romancista, poeta, artista plástico e editor português, nascido em Angola, Valter Hugo Mãe [pseudônimo de Valter Hugo Lemos], e deixam claro que o percurso investigativo ressalta a importância da obra literária seminal. Entretanto, o foco analítico recai sobre o conjunto de suas três adaptações cênicas e, especificamente, sobre o corpo e seu “duplo”. Expressões diversas, tais como corpo literário, corpo cênico e corpo live, servem de respaldo para o embate teórico-analítico que traz as transmutações constantes da narrativa imbuída da experiência do “duplo” – como interação dialógica entre os personagens –, salientando marcas semânticas duplicadas/antagônicas: gêmeas; uma e outra; imagem e reflexo; espelho; viva e morta; corpo e alma/espírito e a esclarecedora expressão “as costas do olho”, magnificamente explorada pelos autores em seu sentido específico na(s) narrativa(s) analisadas. A terceira seção do trabalho aborda em pormenores o deslocamento (trans)formativo das três versões/adaptações dos espetáculos teatrais levados à cena com roteiro de Fernando Paz, direção de José Roberto Jardim, e apresentando como protagonistas [irmãs/duplas/viva/morta] Fernanda Nobre e Maria Helena Chira. A partir de duas categorias analíticas, Brait e Gonçalves se dedicam a explorar a dicotomia “presença” e “ausência” – palavras intencionalmente colocadas entre aspas com a finalidade de que sejam percebidas em seus contrastes. Os aparatos tecnológicos que compõem a cena, tais como projeções, imagens simultâneas e movimento de câmeras, são descritos em cotejamento com os conceitos de teatralidade e corpo performativo atribuídos à encenação das atrizes no recinto teatral (real ou virtual). Na última seção do trabalho os autores retomam a força motriz geradora tanto do percurso cênico quanto da ADD empreendida no trabalho, ou seja, o caráter temático do *duplo*, que se revela não apenas como um



conceito teórico, mas como uma existência verificável tanto na obra literária quanto nas diferentes encenações adaptadas para diferentes contextos e tempos de pré-pandemia e pandemia de Covid-19. Encerram-se as reflexões analíticas, delineadas ao longo de 41 páginas, colocando-se em evidência o caráter do “duplo” em relação à sustentação das categorias eleitas como chaves para o percurso da ADD: a “presença” e a “ausência”. É o *duplo* que permeia, o tempo todo, as ideias e sínteses dos elementos disparadores da análise: vida e morte, corpo presente e corpo virtual, imagem e reflexo especular, palco/cena e palco/tela, *mise-en-scène*/montagem e edição, corpo e câmera. Trata-se, sem dúvida, de um trabalho exemplar e rigoroso que explora, em minúcias, uma trajetória singular de corpos espelhados nas dobras da arte e da vida.

“Para uma filosofia do corpo em movimento” é o ensaio de autoria de Dick McCaw. O autor é atualmente Professor Sênior do Departamento de Drama, Teatro e Dança da Royal Holloway, Universidade de Londres. É pesquisador, na modalidade colaborador estrangeiro do Grupo de Pesquisa Labelit – Laboratório de estudos em educação, linguagens e teatralidades da UFPR. Em 1980, foi cofundador, com Carl Heap, do reconhecido grupo de teatro The Medieval Players, em Londres, e foi diretor artístico do *International Workshop Festival*, entre os anos de 1993 até 2001.

McCaw tem como intento discutir a originalidade e as possibilidades dos primórdios da filosofia de Bakhtin, fazendo-a dialogar com estudiosos e autores de variados campos do pensamento, tais como psicologia, antropologia, filosofia e sociologia, campos estes que, segundo o autor, notadamente ecoam o pensamento bakhtiniano. O texto, que contém 25 páginas e se divide em duas partes, cada uma delas com cinco seções argumentativas, apresenta considerações clássicas do pensamento bakhtiniano no que se refere à relação entre o corpo/eu (contemplador) e o corpo/outro (contemplado), o que observa e o que é, por sua vez, observado. A parte I, Modos de perceber o espaço – geométrico ou ecológico?, traz uma interrogação e uma intensa e complexa discussão acerca do corpo, das palavras encarnado e encarnação, concluindo-se que o corpo pode assumir uma expressão concreta advinda de meras ideias abstratas. Para refletir sobre movimento, sentidos, (auto)percepção, corpo sujeito



e objeto, corpo imagem e agente, além de espaços alocêntricos e egocêntricos, MacCaw traz para o debate autores de diferentes campos das Ciências Humanas em cotejamento direto com os pressupostos bakhtinianos e conclui a seção afirmando que, enquanto corpos, exercemos capacidades empáticas, cognitivas e perceptivas essenciais para nos mantermos ativos em sociedade. A parte II, Tempo: momento ou processo, é destinada a esclarecer alguns conceitos sobre ação e processo em relação/referência ao espaço e ao tempo. Desta forma, o pensamento de Bakhtin se reporta a temas como estado de incompletude, desejo irrealizado e, a partir destes termos, o autor tece reflexões sobre os sentidos do corpo como informação, sobre a fronteira da pele, sobre a empatia encarnada, perspectivas sobre a dor e ensaia complexas relações entre autores pontuais como Liz Pisk e Thomas Hanna, criador da prática somática, entre outros autores, que se reportam ao campo das neurociências, psicologia da empatia e relações interpessoais. Por fim, na seção O Corpo Vital, McCaw retoma o seu objetivo inicial e admite que, ao colocar em diálogo e extrair pressupostos de trabalhos de alguns pensadores contemporâneos em comparação com as ideias de Bakhtin sobre o corpo, foi possível encontrar campo fértil para discorrer sobre o corpo humano em suas complexas redes e interações com o ambiente, consigo mesmo e com o outro para a geração de sentido sobre si mesmo e sobre o mundo em que se vive.

Marília Amorim assina o terceiro ensaio que se intitula “O professor, seu *outra* e seu corpo – fragmentos de uma experiência no ensino universitário.” O texto se organiza a partir do resultado de duas conferências realizadas no Brasil, especificamente na UFPR e na UNIFESP, como parte de suas atividades como pesquisadora visitante da FAPESP/LAEL/PUC-SP/Paris8, no ano de 2019.

Doutora em Ciências Humanas e da Educação pela Universidade Paris VIII, Amorin tornou-se, mediante concurso, *Maître de Conférences* na mesma instituição, em 2001, aposentando-se em 2017. Graduada em Psicologia, foi professora adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde se aposentou em 2000. Seus interesses atuais são os trabalhos na área de linguagem e discurso com ênfase na perspectiva dialógica e bakhtiniana. Sob este viés investigativo, integra dois grupos de pesquisa: o GP Linguagem, Identidade e Memória (PUC-SP) e o GP Labelit – Laboratório de estudos em



educação, linguagens e teatralidades (UFPR). Foi professora visitante do LAEL/PUC-SP, a convite de Beth Brait, em 2019, com apoio da FAPESP.

A partir de fragmentos intencionalmente não articulados em uma lógica linear, a autora reflete sobre a sua atuação como docente universitária em Paris. A intenção do texto, num total de 37 páginas, com uma Introdução e duas partes contendo, cada uma com três seções, é tratar a própria prática pedagógica, ou seja, a situação de ensino em que se encontra como uma espécie de atividade discursiva e que pode ser analisável na perspectiva bakhtiniana e do Círculo, em cotejamento a outros autores(as) da filosofia da linguagem. Em seu trabalho, Amorin parte de uma assertiva e de uma questão: se o eixo do pensamento bakhtiniano é a noção filosófica da alteridade, então “quem é o *outro* do professor?” (Amorin, 2021, p.84). A partir deste questionamento, o texto avança em termos reflexivos acerca da construção e da reconstrução constante da identidade desse suposto professor, tendo em vista que a alteridade só pode ser pensada a partir da sua oposição ao conceito de identidade fixa. Também se cogita sobre o(s) saber(es) que ocupam, nesta concepção bakhtiniana, um lugar alteritário. A seguir, a autora se reveste de sua narrativa em primeira pessoa para trazer à pauta a sua experiência como docente na Universidade de Paris e onde o debate gira em torno de língua e gênero discursivo. A proposição de uma pedagogia do letramento e a criação de uma disciplina específica – Linguagem e Pensamento – são mencionadas com o intuito de se reportar a questões inerentes aos primeiros estágios de vivência acadêmica em que os alunos são frequentemente expostos às vozes do *Google* e do *Youtube*, por exemplo, e raramente exercitam a construção da própria voz. Na parte I do trabalho, ainda consta uma inusitada e metafórica Receita de Farofa de Banana Fácil, a partir da qual a autora reflete sobre gêneros discursivos do cotidiano. A seção em que se reporta à alteridade da língua marcada no corpo traz apontamentos marcantes acerca da constituição da subjetividade do ser, derivada de sua entrada no mundo da linguagem. A autora alude a estudiosos da Linguística para trazer alguns aportes sobre comunicação, educação e infância, tendo por mote dessas reflexões o corpo e a linguagem. Na parte II, Elementos para uma filosofia da educação, a noção de *qualidade da presença* é abordada para traçar perspectivas teóricas e práticas sobre o corpo e



o ensino como ato encarnado. O(s) diálogo(s) entre o professor e o aluno, assim como as noções de ensino e transmissão de conhecimento são referenciados para se discutir a reprodução ou a criação por parte dos sujeitos envolvidos nos processos educacionais. É nesta seção que a autora traz à tona suas memórias dos tempos de colégio no Brasil. Por fim, na seção denominada Alteridade Radical, Amorin retoma a indagação do Outro-interlocutor aplicada ao professor. E, sob o signo/marca do olhar, nos convida a (re)pensar nossas práticas em sala de aula quando, por vezes, deliberadamente ao olhar o aluno que não está ali (presente em sua ausência) desviamos o olhar como a evitar a sua indiferença. Amorin questiona: “como falar com alguém que nos recusa o olhar?” (Amorin, 2021, p.112). A autora atenta para a hipótese de que na contemporaneidade os olhares atentos dos alunos e alunas aos professores vem continuamente diminuindo, sobretudo no Brasil. Possíveis causas para refletir: a onipresença das tecnologias em hiperconexão com os corpos (des)atentos? Discursos anti-intelectuais e anticulturais? E, para concluir, a autora não se permite vencer pelo negativismo e destaca que, mesmo no contexto do pessimismo, é possível vislumbrar lampejos de organização.

Em “Corpo grotesco bem temperado: ressonâncias em ritmo de Bach”, a autora Irene Machado nos transporta, de forma poética, para as imagens e as possibilidades de entender corpos em movimento dançante sendo redesenhados pela iluminação concentrada no palco sob a forma de feixes luminosos indiciais. Ao longo de 25 páginas, três seções e seis textos imagéticos, a autora apresenta uma possibilidade de repensar a iluminação cênica em sua produção tátil-cinestésica como produtora de significados. E para tal intento, seu objeto empírico de investigação é o Grupo Corpo (Belo Horizonte, Brasil) em sua performance do espetáculo Bach – em formato registrado e editado para a tela videográfica, em suporte DVD – a partir das traduções intersemióticas de algumas partituras de Johann Sebastian Bach.

Irene Machado dedica-se à docência e à pesquisa da Semiótica da Cultura, investigando as teorias russas sobre os estudos dos espaços semióticos da cultura audiovisual, com ênfase no cinema. É livre docente em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP-SP).



Doutora em Letras (FFLCH-USP) e mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Foi Editora Científica de periódicos tais como: *Galáxia* (PUC-SP); *Matrizes* (USP) e *Significação* (USP). Atualmente, atua como docente na USP (ECA e FAU) e é bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq).

É a partir de seus interesses focados nas intersemiotidades provenientes desses corpos do Grupo Corpo que a autora traz para a luz alguns pressupostos de Bakhtin para analisar os ritmos dos movimentos dançantes dos bailarinos no palco/cena e depois no palco/tela em deslocamentos compositivos da tri para a bidimensionalidade. Seu foco de análise, portanto, é a tradução intersemiótica da (re)montagem do espetáculo para/em vídeo. São abordadas questões sobre a performance, o *grotesco bem temperado* – em uma alusão clara ao cravo/teclado bem temperado de Bach –, além de se referir constantemente às nuances da luminosidade em azul/blue como extração cromática protagonista para as suas considerações. Em última instância, é possível afirmar que a rigorosa análise se reporta a chaves específicas que se sobrepõem: arranjo musical, corpos em performance, composição audiovisual, luz, cenografia, objetos e cenário, além de figurinos vislumbrados em seu conjunto minimalista. Trata-se de um complexo texto que emana questões que se transformam e se deslocam do tom abstrato dos conceitos ao campo das ideias que tomam corpo. É de ressonâncias performativas em que se reveste o texto que ecoa o ritmo das luzes que sustentam corpos que bailam descolados do chão e agarrados aos tubos semióticos de um cravo bem temperado de Bach.

No último ensaio da coletânea, Carolina Fernandes Rodrigues Fomin e Vânia de Aquino Albres Santiago referem-se à tradução e a interpretação para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) em contextos artísticos relacionados ao corpo e ao dialogismo, acolhendo a ideia de que o corpo é sempre mediação/mídia primária e suporte para a língua. É a partir desta premissa que as autoras desenvolvem seu trabalho denominado “Tradução e interpretação: um ensaio sobre libras, corpo e arte.”

Ambas as autoras são orientandas de Beth Brait (PUC-SP) e integram o Grupo de Pesquisa Linguagem, Identidade e Memória (PUC-SP). Fomin é doutoranda e mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, além de coordenar o



curso de Pós-graduação em Tradução e Interpretação Libras/Português no Instituto Superior de Educação de São Paulo (ISESP) – Singularidades. Santiago, por sua vez, é Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem e mestre em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e atua como docente no curso de Pós-graduação coordenado por Fomin.

Por meio de um denso e extenso trabalho, contendo 61 páginas e sete seções, as autoras buscam refletir e apresentar exemplos de ações efetivas/cenários das atividades humanas que se organizam a partir do encontro entre a língua e o corpo, instaurando-se, assim, discursividades diversas nas áreas artísticas e áreas afins. Parte-se do estudo concreto dos pensamentos de Bakhtin e do Círculo. A articulação de possíveis relações entre texto-corpo, língua-modalidade e gênero-esfera é levada ao campo de pesquisa de ambas as autoras, que se define como a tradução e a interpretação de e para a língua de sinais daquele/a profissional específico que atua em gêneros discursivos literários e/ou artísticos. Os rumos analíticos perpassam a contextualização acerca da língua de sinais, sua produção articulatória, a percepção e a recepção avançam para as esferas artísticas e a performatividade dos textos para que se possa trazer o pensamento dialógico bakhtiniano envolvendo o gênero artístico-literário e os espetáculos teatrais. Revestindo-se de exemplos de peças teatrais concretas, as autoras trazem à tona posicionamentos e questões ideológicas relacionadas às estratégias tradutórias/interpretativas selecionadas em diferentes contextos e que são permeadas também por diferentes formas de entender a atuação e a cena. A seguir, reportam-se às questões relativas à interpretação e às traduções de contos e fábulas em que o corpo (trejeitos, gestos, características físicas dos personagens) torna-se suporte para a contação das histórias e, em sintonia e ressonância com os corpos dos atores na cena, acaba produzindo diferentes efeitos de sentido. O texto também aborda tais relações quando ocorre o registro destas obras para vídeo. Evoca-se também o complexo papel do corpo em ação tradutória e como condutor de alguns elementos comunicativos em shows musicais. Concluem as autoras que a esfera artística e seus discursos demandam do corpo tradutor uma disponibilidade e uma abertura, além de conhecimento e compreensão da cena artística em que se opera o mecanismo de performance tradutória.



Em síntese, a obra *Bakhtin e as Artes do Corpo* reverbera a urgência da proposição, da consistência e da continuidade de estudos que investiguem o corpo, implicado no mundo contemporâneo, para além das suas relações e interações mediadas pelas tecnologias de comunicação. A presente publicação traz ao alcance dos leitores distintas abordagens, pelo viés dos estudos de Bakhtin e do Círculo, sobre o campo expandido das Artes do Corpo em íntima conexão com as pesquisas em Educação e Linguagens.

## Referências

AMORIN, Marília. O professor, seu outro e seu corpo – fragmentos de uma experiência no ensino universitário. In: BRAIT, Beth; GONÇALVES, Jean Carlos (Org.). *Bakhtin e as artes do corpo*. São Paulo: Hucitec, 2021, p. 83-120.

HANNA, Thomas. What is Somatics? In: JOHNSON, Don Hanlon. *Bone, Breath and Gesture*. Berkeley: North Atlantic Books, 1995.

PISK, Liz. O ator e o corpo. *Cadernos de Teatro*, nº 122, 1989, p. 12. Disponível em: [http://otablado2.hospedagemdesites.ws/media/cadernos/arquivos/CADERNOS\\_D E\\_TEATRO\\_NUM\\_122.pdf](http://otablado2.hospedagemdesites.ws/media/cadernos/arquivos/CADERNOS_D E_TEATRO_NUM_122.pdf). Acesso em: 10 mai. 2022.

Recebido em: 12/05/2022

Aprovado em: 19/05/2022